

17

216

# O RIO ARAGUAYA

---

## RELATORIO DE SUA EXPLORAÇÃO

PELO

Major d'Engenheiros Joaquim R. de Moraes Jardim

PRECEDIDO DE

UM RESUMO HISTORICO SOBRE SUA NAVEGAÇÃO

PELO

TENENTE-CORONEL D'ENGENHEIROS JERONIMO R. DE MORAES JARDIM

E SEGUIDO DE UM ESTUDO SOBRE OS INDIOS  
QUE HABITAM SUAS MARGENS

PELO

DR. ARISTIDES DE SOUZA SPINOLA

PRESIDENTE DE GOYAZ.

---

RIO DE JANEIRO  
TYPOGRAPHIA NACIONAL

1880

2000--50

1372

D.R.

918

MINISTERIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES	
DEPARTAMENTO DE BIBLIOTECA NACIONAL	
BIBLIOTECA	
NUMERO	DATA
231	19-5-51

MINISTERIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES	
IMPRESA NACIONAL	
BIBLIOTECA	
NUMERO	DATA
31	7-2-46

31- 7/2/46

## O RIO ARAGUAYA

Devidamente autorizado damos publicidade á seguinte peça official em que o major de engenheiros Joaquim R. de Moraes Jardim deu conta dos estudos por elle feitos no rio Araguaya, na escursão que, em companhia do digno presidente da provincia de Goyaz o Dr. A. de Souza Spinola, alli fez ha pouco.

Redigido em linguagem despretençiosa e sem os atavios com que se costumam adornar os escriptos destinados á publicidade, contém, entretanto, esse documento importantissimos dados e judiciosas considerações, que o farão lido com interesse por todos os que se interessam e cogitam nos melhoramentos materiaes do nosso vasto e bello paiz, pondo em contribuição os immensos recursos com que a Providencia tão largamente o dotou.

E' seguido de um estudo consciencioso sobre os habitos e costumes de algumas das numerosas tribus indigenas, que habitam as margens daquelle pouco conhecido rio, estudo que nos foi graciosamente communicado pelo illustrado administrador, a que acima nos referimos, e baseado sobre sua propria observação, sendo por isso digno de toda a confiança.

Fezendo preceder á publicação desses interessantes documentos um resumo historico das tentativas feitas em diferentes épocas para estabelecer-se, pela navegação do alludido rio e do Tocantins, communicação permanente entre as provincias de Goyaz e do Pará, pensamos prestar um pequeno serviço á primeira dessas provincias, cujo desenvolvimento

depende essencialmente do progresso que tiver essa navegação, porque por ella abrir-se-hão os horisontes de seu futuro, proporcionando-se-lhe um meio barato para a exportação dos productos de sua industria, hoje em embrião, por faltar-lhe absolutamente esse recurso; além de que nunca será de mais fazer conhecidos os esforços dos que nos precederam no patriótico tentamen de tornar accessiveis essas vastas e riquissimas regiões, que se occultam no interior do nosso bello paiz, como seja a immensa bacia, que tem por escoadouro o grande rio Araguaya, ainda agora sómente habitada pelos aborígenes, salvo insignificantes nucleos de população desde pouco creados nas margens do mesmo rio, como sentinellas avançadas do progresso, em vista de proteger a sua navegação.

E' certo que nos tempos coloniaes tentativas se fizeram para a navegação do Araguaya, catechese dos indios innumeraveis, que habitavam suas extensas e bellissimas margens e para estender até lá o dominio do homem civilisado. Pouco ou nenhum proveito, porém, se colheu dessas tentativas, que só attestam a tradição e apagados vestigios encontrados em alguns pontos dessas mesmas margens, principalmente na grande ilha formada pelos dous braços, em que o rio se divide abaixo do ponto de confluencia dos rios Grande e Vermelho, onde recebe o nome de Araguaya, ilha tão vasta que em territorio avanta-se á alguns dos Estados do velho continente.

A primeira tentativa para reconhecimento do rio Araguaya, de que temos noticia, remonta-se ao anno de 1720, em que o capitão Diogo Pinto de Gaia, por ordem do governador Bernardo Pereira Barredo, o explorou, tendo visto toda a vasta ilha de Sant'Anna.

Em 1731, foram descobertas as minas da Natividade pelo sargento-mór João Pacheco do Couto, o qual foi expedido com 80 homens pelo general governador Alexandre de Souza Freire ao rio Araguaya.

Em 1774 foi fundado, com indios javahés e carajás, um logarete com a denominação de Nova Beira, na grande ilha de Sant'Anna.

No entretanto, providencias eram tomadas por parte dos governadores do Pará, para fundação de nucleos de população

no baixo Tocantins, sendo fundado em 1781 o logar de S. Bernardo de Pederneira, á margem direita deste rio, entre a Cachoeirinha e a cachoeira de Tapayunaquára, e logo depois o de Alcobaça, uma legua abaixo do Igarapé-Caraipé, o qual foi depois transferido (1793) para um sitio fronteiro á ilha de Arapapá, entre a cachoeira de Tapayunaquára e a de Guaribas, com o nome de Arroyos.

Em 5 de fevereiro de 1791, Thomaz de Souza Villa Real parte do Pará e, navegando parte do Tocantins e Araguaya, chega por terra em Goyaz, d'onde regressa em 1792, embarcando a 22 de dezembro desse anno na confluencia do rio Ferreiro com o rio Vermelho, 14 leguas distante de Goyaz, capital da provincia.

Antes, porém, uma bandeira mandada pelo governador deste (1775), José de Almeida Vasconcellos e Soveral, vogou o Araguaya, entre o sitio do Bananal e as povoações dos carajás.

Em 1799, o ministerio dos negocios ultramarinos recommendou muito particularmente a D. João Manoel de Menezes a navegação dos rios Araguaya e Tocantins; e a carta régia de 7 de janeiro de 1806 concede inteira isenção de direitos, por 10 annos, aos que se estabelecessem nas margens desses rios.

O governador geral de Goyaz, D. Francisco de Assis Mascarenhas (depois Marquez de Palma), em carta de 26 de novembro de 1807, ao seu successor, increpa ao governador do Pará a causa de não terem ido por diante as medidas de tanta utilidade tomadas no interesse da navegação dos mesmos rios.

No relatorio apresentado á assembléa provincial de Goyaz pelo seu digno presidente o Dr. Couto de Magalhães, em 1863, vem relatados com bastante minuciosidade os factos capitaes concernentes á navegação do Araguaya e Tocantins nos tempos modernos, começando por transcrever textualmente o que a tal respeito expendera, no anno de 1835, o finado governador José Rodrigues Jardim, então presidente da provincia, no relatorio que nesse anno dirigiu á assembléa provincial.

Não faremos aqui igual transcripção para não nos alongarmos excessivamente e nos limitaremos ao 1.º periodo.

O commercio certamente occupará vossa attenção: esta provincia, a quem a natureza enriqueceu de meios para a sua

S. João das Duas Barras e Santa Isabel, o que recebeu o nome de Januaria, indo alli ter a picada de que acima fizemos menção e aberta a partir de Carolina.

E' de estranhar que não tivesse sido attendida pelo governo geral a proposta para allivio de alguns impostos em favor dos que empheendessem o commercio com o Pará.

O Dr. Silva Gomes, parecendo depois desanimar da navegação do Araguaya, volta sua attenção para o Tocantins, aconselhando que para alli sejam transferidos os presidios já fundados com tanto sacrificio nas margens daquelle rio.

Seu successor, o Dr. Francisco Mariani, abraça esta resolução, considerando prematura (1) a tentativa para povoar o Araguaya e desenvolver sua navegação.

Em 1853 mandou o presidente Antonio Candido da Cruz Machado, successor do Dr. Mariani, crear diversos presidios nas margens do Tocantins, sendo para alli transferida uma das duas companhias de pedestres creadas na provincia. Não obstante, tendo dirigido ao governo imperial em 9 de fevereiro de 1855 um officio, em que expende sua opinião quanto á navegação do Araguaya, conclue esse energico administrador: « *que com vontade cordial, systematica e firme, meios amplos, liberaes e acertados, execução prompta, dedicada e intrepida, etc., como por encanto esse grande e dourado futuro do Araguaya surgirá do seio de suas aguas.* »

Para não nos alongarmos deixaremos de parte o que depois se passou até o anno de 1858, em que encontrámos pela primeira vez, no relatorio apresentado á assembléa provincial pelo presidente Dr. Francisco Januario da Gama Cerqueira, a idéa de estabelecer-se no Araguaya a navegação a vapor entre Santa Leopoldina e o logar onde outrora existira o presidio de Santa Maria, com a condição, porém, de serem estabelecidos os presidios do Araguaya na parte da provincia de Goyaz, e fundados outros pela do Maranhão desde a ilha do Bananal até a confluencia com o Tocantins, *como fóra resolvido e determinado pelo governo desde 1854.*

Em 1859 tenta-se o restabelecimento do presidio de Santa Maria ou Januaria, sendo incumbido dessa tarefa fr. Francisco de S. Vito, que, depois de uma primeira tentativa, é obrigado a retirar-se por falta de apoio, não tendo chegado a tempo a

força que devia guarnecer a nascente povoação. O restabelecimento definitivo desse presidio só realiza-se em 1862.

Chegámos agora ao periodo mais interessante da navegação do grande rio Araguaya, em que, graças á energia e força de vontade de um homem, o futuro risinho prognosticado a essa navegação pelo presidente Cruz Machado, nas memoraveis palavras que temos acima transcripto, pareceu prestes a traduzir-se em realidade.

O pensamento de estabelecer-se a navegação a vapor no rio Araguaya, de que, conforme dissemos acima, cabe ao Dr. Francisco Januario da Gama Cerqueira a gloria de haver-o externado pela 1.<sup>a</sup> vez, achou echo na energia e genio empreendedor do Dr. José Vieira do Couto Magalhães, que, assumindo a administração da provincia de Goyaz, envidou desde logo seus esforços para realizal-o, conseguindo-o afinal, depois de vencidas difficuldades de tal ordem, que para outro animo menos robusto teriam feito fraquear no meio da carreira.

Esse grandioso commettimento, porém, só pôde levar-o definitivamente a effeito aquelle energico administrador, depois de ter successivamente occupado igual posição nas provincias do Pará e Matto-Grosso, a que como a Goyaz igualmente interessa a navegação dos grandes rios, que mais immediatamente ligam esta á 1.<sup>a</sup> daquellas provincias.

O 1.<sup>o</sup> barco a vapor que singrou as aguas do Araguaya, e que tomou seu nome, foi transportado por terra em 1867 ou 1868 desde a provincia de Matto-Grosso, sendo conduzido em pedaços sobre 44 carros tirados por bois através dos chapadões, que se interpoem entre as bacias do Prata e Amazonas, vencendo-se por esse modo a distancia de 100 leguas por logares invios.

A esse veio depois juntar-se outro pequeno barco a vapor, o qual, tomando o nome do famoso genovez descobridor do novo mundo, foi transportado do Pará pelo rio Tocantins, vencendo com grandes difficuldades e perigos as cachoeiras deste rio até sua confluencia com o Araguaya, a cuja navegação se destinava. Com elles estabeleceu-se a navegação no alto Araguaya, entre Santa Leopoldina e Santa Maria, onde é ella inteiramente livre de obstaculos, em uma extensão de cerca de 960 kilometros. Uma empresa dirigida pelo mesmo illustre

brazileiro, que conseguira á custa de muita energia e força de vontade levar até lá esses vapores, emprehendeu desde então o commercio entre Goyaz e o Pará, dispondo do seguinte material :

Vapor *Araguaya*.

Rebocador *Christovão Colombo*.

Bote *S. João de Araguaya* de 2.000 arrobas.

Dito *Jurupensen* de 800 ditas.

Dito *Aricá* de 800 ditas.

Dito *Cuyabá* de 600 ditas.

E diversas embarcações miudas.

Por conta de diversos particulares empregaram-se ainda, por aquella época, nessa navegação, os seguintes barcos :

Bote *Rio Vermelho* de 2.000 arrobas.

Dito *Dr. Couto* de 2.000 ditas.

Dito *Santa Maria* de 800 ditas.

Dito *Jamimbú* de 2.000 ditas.

Dito *Santo Antonio* de 2.000 ditas.

Dito *Victor Emmanuel* de 2.000 ditas.

E outras embarcações pequenas.

Passando a empreza para o Estado, continuando á testa della o mesmo Dr. Couto Magalhães, mais tarde pediu este sua exoneração, cansado talvez na luta gigantesca em que despendera, mas não sem proveito para o paiz, alguns annos de sua existencia, sendo ha pouco contratado o serviço de navegação entre Goyaz e o Pará pelo Araguaya e baixo Tocantins com o negociante João José Corrêa de Moraes, mediante a subvenção annual de 40:000\$, obrigando-se este a manter a navegação á vapor no Araguaya até Santa Maria e por barcos na parte encachoeirada do mesmo rio abaixo daquelle ponto e no baixo Tocantins, fazendo assim annualmente seis viagens redondas.

E' já, pois, uma realidade o sonho dourado dos Goyanos, para o que tantos esforços têm sido consumidos até ha pouco quasi em pura perda.

As margens do Araguaya se povoam pouco a pouco e em alguns annos os obstaculos, que ainda se oppõem ao desenvolvimento do commercio entre Goyaz e o Pará—a parte encachoeirada dos dous rios—, desaparecerão mediante o emprego

dos meios que a sciencia moderna tem posto em pratica em outros paizes.

Aquellas regiões até agora sómente occupadas pelos aborígenes têm diante de si immenso futuro, que só os cegos não vêem.

Cumpre por agora perseverar no que já está iniciado e estender as explorações aos grandes rios tributarios do Araguaya, como sejam os rios das Mortes e Tapirapé, a respeito dos quaes assim se exprime o engenheiro, autor do relatorio, a que hoje damos publicidade, em uma carta que temos á vista :

« Naveguei uma pequena extensão do rio das Mortes e fiquei encantadissimo desse rio, que de feio só tem o nome. Tem elle durante a sêcca tanta agua como o Araguaya e será no futuro a verdadeira via de communicação fluvial entre Matto Grosso e o Pará.

« O Tapirapé é outro confluente importante do Araguaya e sua exploração talvez revele importantes descobertas. Era este rio até ha pouco quasi ignorado, indicando as cartas, que possuímos, sua embocadura abaixo da ilha do Bananal, o que é um erro, pois que, como verás da que ora organizei, a sua entrada no Araguaya tem logar no braço esquerdo deste rio, muito acima da ponta septentrional da mesma ilha.

« Dizem os Carajás, com quem conversei, existirem tapéras em suas margens; não ha, entretanto, tradição de que em tempo algum fossem ellas habitadas, a não ser pelos indios, que lhe dão o nome, e que comquanto não se achem ainda em contacto com a civilisação, dizem ser doces e industriosos.»

Continúa o mesmo engenheiro: « Com uma pequena lancha a vapor, de pouco calado, facilmente poderiam ser explorados em pouco tempo e com pequeno dispendio os affluentes do grande rio, que banha uma região riquissima de ouro e de productos naturaes, como a castanha, que em abundancia é encontrada logo abaixo de Santa Maria, faltando somente quem os explore. Não se póde, pois, duvidar que será largamente compensado qualquer dispendio que se fizer para povoar-se a região banhada pelo Araguaya e pelos seus affluentes.»

O relatório, cuja publicação segue-se, foi acompanhado de uma minuciosa planta do rio Araguaya, comprehendendo toda a extensão desse rio percorrida pelo autor do mesmo relatório, e que, entretanto, não dispunha então de instrumentos apropriados para um trabalho mais rigoroso.

Rio de Janeiro, abril de 1880.—*Jeronymo R. de Moraes Jardim.*

## RELATORIO

DO

ENGENHEIRO JOAQUIM RODRIGUES DE MORAES JARDIM

SOBRE O RIO ARAGUAYA

GOYAZ, 17 DE DEZEMBRO DE 1879.

Illm. e Exm. Sr.— Tendo ordem de V. Ex. para acompanhá-lo na viagem que fez desta capital á Santa Leopoldina e d'alli a bordo do vapor *Araguaya*, pelo Rio Grande até Itacaiú, seguindo depois pelo *Araguaya* até Santa Maria, vou hoje apresentar a V. Ex. o resultado dos estudos, que então fiz e constam da seguinte succinta exposição, a qual acompanha uma carta dos dous rios, comprehendendo as secções navegadas.

Não dispondo dos necessarios instrumentos, e nem permitindo a presteza da viagem, sujeita ao regulamento da empresa da navegação do *Araguaya*, que fizesse estudos perfectos, attinentes á geographia, hydrographia, meteorologia, etc. procurei, porém, com os recursos e tempo de que dispuz, tirar o maximo proveito possivel.

Na execução dos trabalhos a bordo fui coadjuvado pelo digno ajudante de ordens de V. Ex. o Sr. tenente de estado maior de 1.<sup>a</sup> classe Urbano Coelho de Gouvêa, que de boa vontade a isso prestara-se.

## DE LEOPOLDINA A ITACAIU'

A 16 do referido mez determinou V. Ex. fazer uma visita á colonia de Itacaiú, situada á margem esquerda do rio Grande, 46,01 kilometros a Oeste de Santa Leopoldina.

Comquanto estivessemos no rigor da secca, venceu o vapor, sem difficuldade, a distancia entre as duas povoações, gastando 7 horas e 10 minutos, encontrando canal de profundidade superior a 0<sup>m</sup>,66, fazendo porém muitos zig-zags.

Nesta secção da navegação apresentam-se dous travessões de pedra, um defronte de Santa Leopoldina, no Araguaya, e outro a menos de um kilometro abaixo de Itacaiú, porem têm ambos canaes largos e profundos, pelos quaes passámos sem difficuldade e perigo.

Fica a colonia em terreno alto, livre inteiramente de alagamentos, tendo o rio Grande na frente 210 metros de largura.

Só existem por ora casas cobertas de palha, tendo o seu activo commandante, o capitão honorario Cincinato da Lotta Pedreira, dado começo a construcção de uma capella, e constame ter aberto uma estrada com ponte para communicar a colonia com o Dumbasinho.

Além dos recursos que a colonia pôde prestar á navegação, veda ella a entrada dos indios no territorio á margem direita do rio Grande, hoje despovoado, contendo entretanto boas mattas para lavoura e excellentes campos de creação.

Depois de uma curta estada na colonia descemos para Santa Leopoldina no mesmo dia.

## VIAGEM DE SANTA LEOPOLDINA A SANTA MARIA

No dia 19 pelas 2 horas e 20 minutos suspendeu a ancorá o vapor *Araguaya* com destino a Santa Maria, porém pouco depois fazendo a volta para descer o rio alagou-se um bote que ia a reboque, acontecimento este que felizmente nenhum resultado mais produziu do que um pequeno prejuizo de mercadorias, escapando com vida as pessoas que nelle

iam, e como houvesse demora no salvamento do bote, fundeu o vapor.

No dia seguinte deixámos o ancoradouro ás 5 horas e 39 minutos da manhã descendo o rio, que logo abaixo é obstruido por alguns cabeços de pedra, que entretanto nenhum embarço trazem a navegação, existindo entre elles canaes largos e profundos. As pedras, de que são formados, são silicosas e muito duras, em alguns logares apresenta-se tambem um conglomerato ferruginoso mais ou menos rigido.

Não vejo por ora que existam vantagens em gastar-se qualquer quantia para destruição desses cabeços, que nenhum perigo trazem á navegação, podendo ter ella a melhor applicação em outras obras de mais urgencia.

Continuando a viagem recebeu o vapor a reboque o bote *Villa Boa* pertencente á empresa, e, deixando a direita a ilha Redonda, atracou no barranco do Dumbasinho, á margem esquerda, poucos metros abaixo da entrada do lago deste nome.

E' neste logar que está a fazenda de gado pertencente á catanesa com boa casa, curraes, cercados, etc.

Tem o edificio principal 14,5 metros de frente sobre 7,02 de fundo, é alto, bem arejado e construido de boas madeiras, existindo ainda pertencente á fazenda uma casa coberta de palha e tres de camaradas. A situação deste estabelecimento é um dos mais lindos lugares que vimos no Araguaya, tendo em frente o rio, cuja largura é de 617 metros, está isento de alagamentos, ficando a crista do barranco 8<sup>m</sup>,8 acima da superficie d'agua na estiagem, sendo demais baixa a margem opposta.

Depois de uma demora de 5 horas e 10 minutos continuámos a descer o rio 8 minutos depois do meio dia, e logo deixámos á direita a ilha dos Macacos e o lago deste nome, que entra por duas bocas: passámos por uma outra ilha, que nós ficou á esquerda, assim como a boca de um outro lago.

As 2 horas e 48 minutos deixámos á direita a ilha do Noronha, onde se acha sepultado o cabo Noronha, que com a vida pagou a sua intrepidez em salvar o dinheiro e mais objectos do Estado, que levava para os Martyrios o capitão honorario João Crysostomo Moreira; depois uma outra,

seguindo-se a boca do lago das Cangas e a ilha deste nome, e mais tres á esquerda. E' alto o terreno nas Cangas, coberto de extensa matta, podendo ser aproveitado para um grande estabelecimento.

A's 5 horas e 39 minutos deixámos á esquerda a boca do lago Dumbá, seguindo-se terreno elevado e bom para agricultura, encostando o vapor ás 6 horas em uma extensa praia da ilha do Dumbá, cuja ponta sul deixámos á direita, seguindo por um canal de 120 metros de largura mais ou menos.

Proseguindo a viagem no dia 21 ás 5 horas e 40 minutos passámos pela boca de um lago á esquerda e por quatro ilhas, abaixo das quaes fica a boca do lago do travessão Reuno — tambem á esquerda, e logo o mesmo travessão, que nenhum embarço traz á navegação, apezar de existirem pedras immersas, hoje muito conhecidas.

Entra ainda á esquerda o lago dos Pitos e mais abaixo á direita o lago Rico, tendo este 35 metros mais ou menos de largura na boca.

Até este ponto tem conservado o rio uma largura uniforme.

A's 10 horas e 34 minutos passámos pela foz do rio do Peixe, que entra pela direita com o rumo de S para N e tem presentemente tão pouca água que não dá navegação nem a uma igarité, quando por elle na estação chuvosa tem subido grandes botes até perto do arraial de Santa Rita.

Notei algumas corôas de pedras miudas no leito do rio, que, estreitando-se um pouco acima do rio do Peixe, torna-se a alargar, apresentando muitas ilhas, que nos ficavam á direita e á esquerda, seguindo-se a boca do lago do Cocalsinho, á esquerda, outras ilhas, á boca de um outro lago tambem á esquerda, chegando pelas 6 horas e 17 minutos na povoação de S. José de Araguaya, tendo deixado immediatamente acima a boca de um lago á direita.

Fica S. José em uma alta ribanceira firme, á margem direita, em um estreito braço, que tem 101 metros e 5 centímetros de largura, defronte da ilha Couto Magalhães, que divide o rio em dous braços, sendo o da esquerda mais largo, porém tem pouca agua.

A povoação de S. José consta de uma pequena praça e duas ruas mal alinhadas, contando-se 15 casas de telha, inclusive o quartel do destacamento e duas em construção, e 24 de palha, pertencendo tres destas aos indios Chavantes e duas aos Carajás, tendo mais uma pequena capella coberta, parte de telha e parte de palha.

Além dos colonos, existe um aldeamento de indios Chavantes já civilizados e um outro de Carajás que, comquanto mansos, ainda andam nus, conservando os seus habitos selvagens.

Ha no districto de S. José algumas fazendas de gado importantes, para o que prestam-se excellentemente as pastagens, principalmente na margem do rio.

E' nesse mesmo districto que fica a salina, onde em certo tempo o sal commum (chlorureto de sodio) apresenta-se em efflorescencia de mistura com outros saes, e é explorado pelos habitantes, que, depois de fazel-o passar por alguns processos para separação dos saes nocivos, utilizam-se delle para a creação.

Feito o calculo pelo tempo gasto e a velocidade da marcha do vapor, obtive para a distancia de Santa Leopoldina a S. José 162,852 kilometros ou 29,341 leguas de 20 ao gráo.

Depois de um dia de falha, que aproveitei para levantar uma ligeira planta da povoação e outros serviços, continuou o vapor a sua derrota ás 6 h. e 23<sup>m</sup> da manhã do dia 23.

Deixámos logo abaixo de S. José a ilha do Gorgulho e uma outra á direita, entrando em seguida á esquerda o braço que forma a ilha Couto Magalhães.

Passámos pela boca do lago da Piedade que fica á direita, e está a 13,736 kilometros de S. José e alguns metros abaixo do logar onde existiu o antigo presidio da Piedade, de que nenhum vestigio hoje existe. Abaixo deixámos á esquerda a grande ilha do Verissimo, algumas corôas de arêa e outras ilhas menos importantes de um e outro lado, seguindo-se á direita a foz do corrego d'Anta, impropriamente denominado por alguns Crixamirim, a boca do largo do Remansão, a ilha deste nome e outras mais, fundeando o vapor ás 11 horas e 50<sup>m</sup> defronte da foz do rio Crixá, 34,176 kilometros abaixo da Piedade, e onde ficámos até ás 2 hs. e 30<sup>m</sup>.

E' o Crixá um dos importantes afluentes do Araguaya, e que será para o futuro escoadouro do grande municipio do Pilar, hoje em decadencia. Como de todos os afluentes do Araguaya, é o regimen do Crixá muito variavel nas estações da secca e das chuvas, dando nesta navegação franca para grandes botes, e naquella sómente a igarités.

Abaixo 11,750 kilometros fica á direita a boca do lago de Luiz Alves, ponto de escala dos vapores da empreza de navegação, ainda que hoje nem uma pessoa exista nesse lugar, mas é o porto dos ultimos fazendeiros que habitam á margem direita do Araguaya até S. Maria.

Às 6 horas e 2 minutos encostou o vapor a uma grande praia, á direita, conhecida com o nome de praia do Villa-nova, onde pousámos.

No dia 24 ás 3 horas e 31 minutos largou o vapor seguindo rio abaixo, e navegando por entre ilhas e corças de arêa, passou pela boca do lago do Varal, que ficou á esquerda, assim como a do corrego das Gaivotas, tocando a ponta meridional da grande ilha de S. Anna ou do Bananal, ás 9 horas e 22 minutos.

Encontramos quasi secco o braço direito do Furo do Bananal, como é mais conhecido, apresentando apenas um regato de 4<sup>m</sup> de largura com menos de 0<sup>m</sup>,5 de profundidade, quando a caixa tem 260<sup>m</sup>,9.

Medi, trigometricamente, a largura do canal do braço esquerdo, que achei ser de 259<sup>m</sup>,9, e a sondagem deu para o lugar de maior fundo 3<sup>m</sup>, sendo a velocidade, média das aguas, na superficie 35<sup>m</sup>,9 por um minuto.

Antes da divisão dos dous braços apresenta o leito do rio a largura de 717<sup>m</sup>,8, que entretanto não é a verdadeira, pois sendo baixas as margens, transborda o rio nas enchentes.

Calculei neste ponto a quantidade d'agua, que presente-mente corre no Araguaya em um segundo e achei 201,390 metros cubicos.

O barometro aneroide, que em Santa Leopoldina a 1 hora da tarde marcou 73<sup>mm</sup>,8, indicando o thermometro centigrado 31<sup>o</sup>,5, uma legua abaixo da ponta do Bananal, deu a pressão de 74<sup>mm</sup>,2, sendo a indicação thermometrica 32<sup>o</sup>,5.

Devo notar que a observação em Santa Leopoldina foi feita em um lugar que está 10<sup>m</sup> acima do nivel do rio, e a segunda a bordo, isto é, 2<sup>m</sup> mais ou menos acima da superficie d'agua.

Fica a ponta meridional do Bananal 60,490 kilometros abaixo do porto do Luiz Alves, ou 120,152 kilometros abaixo de S. José ou 21,805 leguas de 20 ao gráo.

Seguindo viagem pelo braço esquerdo, que toma o rumo de O, notei que o rio ainda estreita-se mais, alargando-se depois de alguns kilometros, em que começam a apparecer grandes praias e ilhas.

Depois de termos deixado á esquerda, a boca do lago Redondo e depois a do lago Comprido, sempre navegando por entre ilhas e corças de arêa, fundeou o vapor ás 5 horas e 54 minutos junto a uma praia da margem direita, sendo conhecido este lugar com o nome de Rebouginho, tendo tido antes uma parada de cinco horas para se fornecer o vapor de lenha.

Largámos o pouso ás 5 horas e 10 minutos do dia 25, apresentando o rio continuadas divisões de braços formando ilhotas, e, ora estreitando-se, ora alargando-se, recebe pela esquerda o rio Crystallino, cuja largura meia legua acima da foz é de 81<sup>m</sup>,6.

Nasce o Crystallino, pelas informações que obtive, no Chapadão que fica na estrada que desta capital dirige-se para Cuyabá; é o seu rumo N E, não tendo menos de 30 leguas de curso.

As suas aguas, na estação secca, ficam tão baixas que é impossivel entrar nelle um barco de mais 0<sup>m</sup>,44 de calado.

Tem o Crystallino na sua foz, que fica 66,696 kilometros abaixo da ponta meridional do Bananal, as margens baixas e alagadas, porém meia legua acima, até onde chegámos, alteia a margem direita.

Logo abaixo da foz fica a boca de um lago, que parece communicar-se com o rio, sendo uma segunda boca, e mais abaixo a entrada de um pequeno corrego.

Notei ainda na mesma margem a boca do lago da Preguiça e depois o da Barreira do Veado.

Continuando a navegar, deixámos á direita a barreira de Santa Isabel, onde existiu o antigo prestidio deste nome, e

que apesar de apresentar 5,<sup>m</sup>94 de altura acima da superfície actual d'agua, é entretanto alagada nas grandes enchentes. Ficou do mesmo lado a boca do lago do Manoel Soares, e depois á esquerda a do lago dos Chavantes, que alguns attribuem ser a foz de um grande ribeirão.

Pelas 5 horas e 49 minutos atracou o vapor a uma extensa praia a direita, onde pernoitámos.

Não variou neste dia o aspecto do rio, que continuou sempre obstruído de ilhas e corôas de arêa, apresentando entretanto canal com fundo bastante para navegação a vapor.

Tocou o vapor na primeira das numerosas aldeias dos índios Carajás que habitam o braço esquerdo.

No dia 26 proseguiu o vapor a sua viagem ás 6 horas e 43 minutos, sempre navegando por entre ilhotas, que, obstruindo o leito do rio, o torna de maior largura, que me parece não ser menor de 600 metros.

Eram duas horas e um quarto quando varou o vapor a boca meridional do rio das Mortes, quasi tão larga como o canal em que navegavamos e 18 minutos depois tocamos a boca septentrional, mais estreita do que a primeira, porém mais funda e tendo maior quantidade d'gua.

Tem o rio das Mortes sua origem, segundo a opinião hoje geralmente seguida, na serra Geral ou das Divisões, não longe da cidade de Cuyabá, e correndo primeiramente com o nome de rio-Manso em rumo N. e depois NE e E, vem lançar-se por duas bocas no braço esquerdo do Bananal, 195,786 kilometros abaixo da ponta meridional da ilha de Sant'Anna, depois de um curso superior a 100 leguas.

Na volta de Santa Maria subiu o vapor pelo rio das Mortes até uma ilha que fica acima da divisão dos dous braços, tendo percorrido 14,694 kilometros.

Achei para largura do rio logo acima da divisão 242<sup>m</sup>, apresentando 3,<sup>m</sup>4 de maior profundidade, e 32,<sup>m</sup>5 de velocidade média em 1<sup>m</sup>, na superfície, fornecendo ao Araguaya por conseguinte 199,200 metros cubicos d'agua em 1<sup>s</sup>.

Sondou-se o rio desde a foz até ao ponto donde descemos, tendo achado profundidade superior a 1,<sup>m</sup>5 no thalweg.

O braço meridional, pelo qual descemos, comquanto mais espreado, não apresentou profundidade inferior a 1<sup>m</sup>.

O delta formado pelos dous braços e o Araguaya é baixo, e me pareceu todo alagado na estação das chuvas, e assim as margens.

E' o rio das Mortes infestado de índios Chavantes, ainda em completo estado selvagem, e que vivem antes da caça do que da pesca. São muito temidos dos Carajás, que nelles vêm um inimigo encarniçado, e por isso nunca se afastam do barranco esquerdo do Araguaya.

Consta que ficam as primeiras cachoeiras do rio das Mortes a 40 leguas mais ou menos da sua fóz, sendo provavel que possa ser navegado a vapor até esse ponto.

As aguas deste rio, mais claras do que as do Araguaya, que estavam um pouco turvas, conservam-se separadas a grande distancia da união dos dous rios.

Abaixo do rio das Mortes augmenta a largura do Araguaya, e assim sua profundidade, continuando o seu leito a ser obstruído de ilhas.

Deixamos á direita um lago, e logo abaixo avistamos uma serra baixa, por cuja ponta passamos. E' este o logar conhecido com o nome de Santa Isabel do Morro, para onde foi transferido o antigo presidio de Santa Isabel; hoje é um cemiterio dos índios Carajás.

O rio defronte da serra estreita-se e tem grande profundidade.

Fica o logar do antigo presidio 20<sup>m</sup> acima da estiagem do rio, logar onde é impossivel chegar as maiores enchentes, porém é arido e esteril.

Logo abaixo do morro encostou o vapor a uma praia da esquerda, onde pernoitamos.

Passámos neste dia por quatro aldêas de Carajás.

A 27 de setembro, depois de fazer um ligeiro reconhecimento do morro de Santa Isabel, continuamos a viajar ás 7 horas e 19 minutos, e logo deixamos á direita uma pequena abertura, que me pareceu a boca de um lago, seguindo-se barranco alto, o que tem sempre sido notado em todas as bocas de lago por que temos passado. Navegou depois o vapor por entre algumas ilhas, parando em uma allêa que fica em um grande banco de arêa á esquerda. Seguindo, deixamos uma outra boca de lago á direita, assim como outra

aldêa, do mesmo lado, e tornamos a parar em uma outra maior do que as precedentes, conhecida por aldêa do Cadete Chico.

Junto desta ultima aldêa, como em todas por que passamos, existe um lago, que, segundo me informou o tal Chico, communica-se nas enchentes com um grande lago, no interior da ilha, sabindo deste um canal que vai ter ao Furo em um aldeamento de indios Javahés.

Continuando a viagem, pouco abaixo encaidou o vapor por se ter desviado do thalweg do rio, gastando-se para o desen- calhar vinte minutos.

Deixamos á esquerda uma larga abertura, que não pude verificar ser a boca de algum lago ou braço do rio, e con- tinuando a navegar, tornamos a deixar do mesmo lado uma outra abertura, que me disseram ser a fóz de um ribeirão e mais abaixo, á direita, um lago, e depois quatro bocas, de que nenhuma informação pude obter, chegando ás 12 horas e 41 minutos á fóz do Tapirapé, encostando o vapor em um grande banco de arêa, junto a uma aldêa de Carajás.

Deixando o vapor V. Ex., eu e mais alguns companheiros, embarcámos em uma igarité e entrámos na boca do Tapi- rapé, que é larga e profunda, dando a sonda 8<sup>m</sup>.

Divide-se o rio Tapirapé antes da sua entrada no Araguaya em muitos braços, formando ilhotas, o que nos difficultou encon- trar logo o verdadeiro alveo do rio, pelo qual seguimos até 10 kilometros mais ou menos, onde medi a largura do rio, que achei ser de 131<sup>m</sup> e 6<sup>m</sup> para velocidade média em 1<sup>m</sup>, dando a sondagem no logar mais fundo 3<sup>m</sup>,96. Achei pelo calculo para o volume de agua que corre em 1<sup>o</sup> 36,600 metros cubicos.

Tem origem o Tapirapé provavelmente na serra que serve de *divortium aquarum* dos rios Araguaya e Xingú, não de- vendo o seu curso ser de mais de 40 leguas. Já o vapor, *Araguaya*, sob o commando do fallecido capitão-tenente Balduino, por elle subiu até 10 leguas, mais ou menos, de sua fóz, em um porto dos indios Tapirapés, sem encon- trar obstaculo algum, e donde chegando enviou o comman- dante alguns exploradores ao aldeamento, que ficava á algu- ma distancia do rio; presentindo, porém, os indios a apro- ximação dos exploradores, fugiram, não tendo conseguido

o commandante mais do que um reconhecimento dessa sec- ção do rio.

Depois de fazer os trabalhos que pretendia descemos o rio, chegando á sua fóz já de noite.

Proseguindo a viagem no dia 29, passamos logo o Feixo, assim denominado o estreito entre dous morrotes pelo qual mette-se o *Araguaya* com grande velocidade, tendo o canal 25 metros de profundidade. O *Araguaya*, cujo rumo era para o norte com pequena declinação para leste, encontrando o Tapirapé, vindo este de oeste, fórma quasi um angulo recto para vencer a baixa serra que acompanha o Tapirapé pela esquerda. A serra é formada de pedra silicosa, mais ou menos dura e dividida.

Depois de correr para leste alguns kilometros, torna outra vez o *Araguaya* a inclinar-se para o norte, formando um cotovello, e dividindo-se em quatro braços, seguindo o da esquerda para NO até encontrar uma ponta de serra que o obriga a voltar para NE.

Seguiu o vapor pelo braço da direita, que era o mais fundo, cuja direcção era N, e pouco depois subdividindo-se este em dous, ainda tomou o vapor pelo da direita conhecido com o nome de Furo da Pedra, encostando em um alto barranco ás nove horas e quarenta e sete minutos.

No Furo da Pedra demoramos até uma hora quarenta e oito minutos explorando o terreno da margem direita, onde se projecta fundar uma colonia, pois é um dos poucos pontos das margens da ilha não alagados.

Fica o logar escolhido para a nova colonia no Furo da Pedra á margem occidental da ilha de Sant'Anna, 102,941 kilometros da ponta septentrional da ilha e 374,229 abaixo da ponta meridional, distando de S. José do Araguaya 494,381 kilometros, e de Santa Maria 263,904 kilometros, em um barranco formado de conglomerato ferruginoso, donde vem o nome do Furo.

Encontramos para o interior boa matta contendo madeiras de construcção, um pequeno regato empedrado, que fraldeia uma serra baixa, e que estava sêcco, devendo nas aguas for- necer boa agua potavel. Acima e abaixo ficam extensas varzeas com boas pastagens, e defronte uma grande ilha com boa

matia para agricultura, á qual demos o nome de ilha Spinola, para perpetuar a escolha que em pessoa fez V. Ex. do logar da colonia.

Descendo o rio tocamos a ponta norte da ilha Spinola, entrando á esquerda um largo braço, porém pouco fundo, e que é o mesmo que se separou para esquerda depois do morro do Tapirapé, continuando o rio a mostrar o mesmo aspecto que antes, isto é, numerosas e extensas praias e ilhas para um e outro lado.

Fundeu o vapor ás 3 horas e 50 minutos junto á uma grande praia á esquerda.

Passamos neste dia por cinco aldeias de indios Carajás. Consistem essas aldeias, habitações provisórias para a sêcca, em ranchos de palha em fórma de um forno, tendo na frente uma baixa abertura, accomodando cada um uma familia; são collocados em uma extensa praia ou banco de arêa, quasi sempre junto a um lago, que lhes fornece com facilidade e abundancia o peixe necessario para a sua predilecta alimentação, e quando este escasseia mudam-se para outro logar, até que venham as enchentes, que os obrigam a procurar terra firme.

Deixamos o pouso no dia 30 ás 4 horas e 59 minutos, e logo abaixo notei pelo movimento d'agua obstrucção no fundo do rio, dizendo-me o pratico serem pedras immersas bem conhecidas. A direita ficou-nos a ilha de Joaquim Alves e muitas outras de um e outro lado. Alarga-se o rio, que toma direcção NE, até o ponto em que reune-se ao Furo ou braço esquerdo, no qual chegamos ás 10 horas 55 minutos.

Determinei trigonometricamente a largura actual do Araguaya depois da junção dos dous braços tendo achado 1124<sup>m</sup>,6.

O Furo entra subdividido em tres braços, estando o maior, que é o do meio, sêcco, tendo 224<sup>m</sup> de largura; o da esquerda, que é o que fica encostado á ilha, tem a agua parada medindo 150<sup>m</sup>,6 de largura e 7<sup>m</sup>,26 de maior profundidade. O braço da direita, ainda até ha pouco tempo desconhecido, entra alguns kilometros abaixo, é estreito, porém com bastante agua.

A ilha de Sant'Anna é toda baixa e em grande parte alagada, tendo no interior grande extensão de terra firme.

Das informações que obtive de um capitão dos Javahés e dos Carajás concluí que nenhuma serra tem a ilha no interior, e nem existe o extenso lago tomando a ilha em quasi todo seu cumprimento, como vem em algumas cartas. Ha porém lagos, não de grandes dimensões.

Parece-me verificado que nas enchentes communicam-se os dous braços em diversos pontos por canaes interiores.

Sabem os Javahés de alguns dos logares onde foram fundadas antigamente as povoações, de que trata Ayres do Casal, contando-me o Javahé que encontrámos em uma das aldeias dos Carajás que ainda existem esteios, fructeiras etc.

Não deve ser saudavel o clima da ilha, apezar de mostrarem os Carajás, que habitam principalmente a margem occidental, robustez; mas é notavel que não se encontrem velhos entre elles, fallecendo ordinariamente aos quarenta annos.

As 3 horas e 40 minutos deixámos a ponta septentrional da ilha de Sant'Anna, ficando logo abaixo uma pequena ilha á direita, e em seguida um lago, passando o vapor pela terceira boca do Furo ás 4 horas e 17 minutos. Pelas 4 horas e 40 minutos ficou-nos á direita a entrada do furo da Maria do Norte, que fórma uma ilha de oitenta kilometros mais ou menos de S a N, parando o vapor ás 4 horas e 54 minutos junto á praia de uma ilha, cuja ponta sul deixámos á direita.

No dia 1.º de outubro pelas 2 horas e 23 minutos da madrugada largou o vapor rio abaixo. Não havendo obstaculo algum e conservando o rio desse ponto para baixo profundidade bastante, podia sem perigo navegar o vapor com o luar, que então havia. Conserva o rio uma largura superior a 1.500 metros, continuando o mesmo aspecto que antes, ilhas numerosas, bancos e praias de arêa.

A's 5 horas e 57 minutos marquei uma boca de lago á esquerda, seguindo uma barreira de campo formada de cinco camadas distinctas, sendo a primeira debaixo de argilla arenosa e escura, seguindo outra de ocre amarello, sobre a qual estava outra roxa e finalmente outro de arêa branca, por cima da qual a terra vegetal (humus) não tendo esta mais de 0<sup>m</sup>,44.

E' esta a formação geral dos barrancos do Araguaya, que em alguns logares apresentam-se formados de conglome-

rato ferruginoso exclusivamente, ou formando este mineral base, sobre a qual ficam as camadas acima indicadas.

Notei abaixo da barreira, na margem esquerda, a boca de um lago sem nome, e mais abaixo a do lago Aricá bastante larga. Entre outras ilhas que existem abaixo deste lago, deixámos a do Jabuty, tendo antes passado por sobre algumas pedras immersas. E' abaixo desta ilha que fica a sahida do furo da Maria do Norte abaixo do qual, á esquerda, fica o lago de João Pinheiro e mais abaixo a ilha de Jatubá.

O rio continuando a subdividir-se em diversos braços, augmentando de largura, diminue sensivelmente de velocidade; é que aproximávamos de algum obstaculo, como de facto logo começámos a avistar uma linha negra que atravessava o rio em toda largura, apresentando interrupções esbranquiçadas: era o travessão de Sant'Anna, primeiro obstaculo serio que se apresenta á navegação na estação sêcca.

A's 3 horas e 39 minutos atracou o vapor á uma praia á direita, do lado occidental da ilha de Sant'Anna, a menos de um kilometro acima do travessão.

E' o travessão de Sant'Anna uma linha de pedras silicosas, muito duras, em algumas partes divididas, que atravessa o rio perpendicularmente, interrompida por canaes, sendo o principal o que fica quasi encostado a ilha, tendo o rio nesse ponto 644<sup>m</sup>,8 de largura.

A largura do travessão é de 41<sup>m</sup>, e está elle na parte de montante 0<sup>m</sup>,5 acima d'agua.

A differença de nivel que achei de montante para jusante é de 1,025, sendo a distancia dos dous pontos tomados 42<sup>m</sup>,8, o que dá 2,4 % de queda.

Existiu um braço á direita por onde se navegava francamente, porém está hoje todo obstruido de arêa, parecendo-me que por ora nenhum trabalho de desobstrucção se deverá fazer para tornal-o navegavel; pois importaria em não pequena quantia, necessitando para sua conservacão de uma barca de escavacão, sem o que teria em pouco tempo de ser novamente obstruido, em vista de sua direcção relativa a do rio.

Não é difficil em uma grande enchente fazer por si o rio o que custaria grandê dispendio, isto é, abrir de novo o canal.

Não podendo o vapor vencer a correnteza do canal na subida, tivemos de deixal-o na ilha de Sant'Anna, proseguindo a viagem para Santa Maria no bote *Villaboa* que vinha a reboque.

Depois de baldear para o bote os objectos que tinham de ficar em Santa Maria e os que nos eram mais indispensaveis, deixando no vapor apenas seis pessoas, embarcámos ás 8 horas e 35 minutos no bote, que ia tripulado por 14 remeiros munidos de zingas e remos.

A's 8 horas e 49 minutos venceu o bote o travessão, obstaculo mais serio por que tinhamos de passar, sem que sentissemos o menor abalo, e logo avistámos a serra dos Cayapós, á esquerda, de que os travessões não são senão ramificações.

Passado o travessão alarga o rio, que divide-se em tres braços, seguindo o bote pelo do meio ficando á esquerda a ilha dos Cayapós e á direita a dos Mutuns. Depois de passar a ponta norte desta ilha passou o bote o segundo travessão, que nenhuma quéda tinha, e logo o terceiro, que denominam—travessão dos Cayapós—que tambem nenhum obstaculo apresenta, existindo um largo canal pelo qual passamos. Logo abaixo fica á direita a fóz do pequeno ribeirão dos Cayapós.

Passámos a quarta linha de pedras ás 11 horas e 33 minutos em um franco canal, depois a quinta e sexta, apparecendo entre ellas corôas de pedras que nenhum embaraço causam á navegação.

A's 12 horas e 53 minutos entrámos em um estreito e profundo braço á direita, atracando o bote quatro minutos depois no barranco de Santa Maria.

Está o presidio de Santa Maria collocado em uma ribanceira de 10<sup>m</sup> acima da estiagem, ficando em frente a ilha do mesmo nome, que divide o rio em dous braços, tendo o da direita 174<sup>m</sup>,8 de largura e da esquerda 2683<sup>m</sup>,9; distando 160 k m, 965<sup>m</sup> da ponta septentrional da ilha do Bananal, ou 28,971 léguas de 20 ao gráo.

Tem uma linha de casas parallela ao braço do rio e cinco travessas perpendiculares.

Está destinada Santa Maria, por sua posição quasi á meia distancia entre Santa Leopoldina e Belém no Pará, por sua communicacão com o rio do Somno no Tocantins, de que

dista apenas tres dias de viagem, e finalmente pela fertilidade do seu solo, a ser a mais importante povoação do Araguaya.

Com a interrupção da navegação e ameaça dos indios Cayapós cahia Santa Maria em decadencia, porem parece reanimar-se, e com effeito é de esperar-se que isso aconteça si a empreza da navegação florescer.

Conta Santa Maria, segundo informações que obtive, trinta e tres sitios e seis engenhos de canna, tendo alguns aparelhos de distillação.

O RIO GRANDE E ARAGUAYA DEBAIXO DO PONTO DE VISTA  
HYDROGRAPHICO

E' o Araguaya formado pela junção do rio Grande com o rio Vermelho, tendo este origem na serra do Ouro-fino, parte da do Estrondo, ou Serra Grande, e correndo primeiramente para Sudoeste depois para Oeste e Noroeste, vai unir-se ao rio Grande depois de um curso de 40 leguas, mais ou menos.

O rio Grande forma-se da união dos rios Cayapó e Barreiros, este vindo de Oeste e aquelle do Sul; depois de um curso de 100 leguas mais ou menos, a contar das mais altas vertentes do Cayapó, une-se com o rio Vermelho, perdendo o nome para receber o de Araguaya com que vai unir-se ao Tocantins.

Depois de formado, o rio Grande recebe como affluentes pela margem direita o rio das Almas, rio Claro, e ribeirão da Agua limpa e alguns córregos; pela margem esquerda sómente alguns córregos.

O Araguaya até o extremo sul da ilha do Bananal ou de Sant'Anna recebe pela direita o rio do Peixe, 122 kilometro abaixo da fóz do rio Vermelho, e o Crixá 88,79 kilometros abaixo do rio do Peixe; nenhum confluente notavel e conhecido tem na esquerda: entretanto, estou convencido que o lago do Dumbá e outros são embocaduras de grandes ribeirões até hoje não explorados. Procurei o rio Alagado e o Pintado, que vêm nas antigas cartas, este na margem direita, aquelle

na esquerda, não os encontrei, nem os indios e nem os praticos do rio deram-me informações, asseverando-me elles, pelo contrario, não existir rio algum além dos mencionados, e pequenos córregos que vêm entrar em alguns dos lagos.

Da ponta sul da ilha, que fica 72,24 kilometros abaixo da fóz do rio Crixá, a ponta norte, recebe o Araguaya, cuja direcção no-nordeste é a do braço esquerdo, o rio Crystallino, que vem de OSO, ficando sua fóz 56,966 kilometros abaixo da ponta sul da ilha; o rio das Mortes, o mais importante de todos os confluentes, que entra por duas bocas a 129,09 kilometros abaixo do Crystallino, e finalmente o Tapirapé 188 kilometros abaixo do rio das Mortes, e 136,703 acima da ponta norte da ilha, e não abaixo como vem nas cartas antigas, inclusive a do general Cunha Mattos.

Denominam os Carajás o Crystallino *Manriéberó* (rio da Matrifichã,) e rio das Mortes *Iuaberó* (rio em fórma de pé), o Tapirapé *Mananberó* (rio da pedra), e o Araguaya *Berocan* (rio Grande).

Da ponta septentrional da ilha de Sant'Anna até Santa Maria, em uma secção de 160.963 kilometros, nenhum rio notavel entra no Araguaya, tomando este depois da fóz do Tapirapé a direcção quasi nordeste.

Abaixo de Santa Maria, 24 kilometros mais ou menos, entra pela direita o rio das Piranhas, que nasce na serra grande entre o Araguaya e Tocantins.

O Furo ou braço direito, que fórma a ilha de Sant'Anna pelo lado de E, recebe como affluente mais notavel o rio dos Javahés, em outro tempo denominado rio dos Chavantes.

E' o regimen do Araguaya, na parte em que o navegamos, extremamente variavel nas estações da sêcca e das chuvas. De nenhum proveito seria uma sondagem no leito do rio, sendo de tal modo instaveis os canaes que não pôde o vapor, subindo, navegar em alguns por onde havíamos descido, conseguindo fazel-o facilmente por outros, que eram então inavegaveis. Isto é devido a formação do leito do rio, que é todo de arêa.

Em Santa Leopoldina a differença de nivel notada entre a maior estiagem e a maior enchente, observada em Fevereiro de 1877, é de 6<sup>m</sup>, 82. Em Santa Maria notei, pelas

informações que obtive, que a enchente no referido anno elevou-se 9 metros acima da estiagem actual. Em ambos os logares o rio alarga a margem opposta.

Poucos pontos nas margens do rio estão isentos de alagamentos nas grandes enchentes, e por isso poucos são os logares que se tem a escolher para fundação de qualquer estabelecimento.

Apresenta o Araguaya em toda extensão que percorremos canaes, cuja profundidade é superior a 0<sup>m</sup>,66.

O RIO GRANDE E ARAGUAYA DEBAIXO DO PONTO DE VISTA  
DA NAVEGAÇÃO A VAPOR

Como acima disse, presta-se o rio Grande á navegação de um pequeno vapor de calado inferior a 0<sup>m</sup>,66, em qualquer estação do anno, até a cachoeira que fica acima da fóz do rio Claro, não constituindo obstaculos os dous travessões de que acima tratei, navegação que trará vantagens certas, sendo continuada no tempo das aguas pelo rio Claro, que banha um territorio rico em mineraes, boas mattas e pastagens.

Não é mais uma conjectura a possibilidade da navegação a vapor no Araguaya. De Leopoldina até pouco acima de Santa Maria (16 kilometros), isto é, em uma extensão de 904,469 kilometros, é francamente navegavel o rio; alguns cabeços de pedra que obstruem o seu leito logo abaixo de Santa Leopoldina, deixam entre si canaes largos e fundos; o mesmo dá-se no logar conhecido com o nome de Travessão Reúno, acima de S. José. Além destas linhas de pedra que chamam — travessões — existem em alguns pontos do rio pedras immersas, que sendo hoje muito conhecidas dos praticos em nada embaraçam a navegação.

De Santa Leopoldina á ponta meridional do Bananal, maior obstaculo que se encontra são madeiras enterradas no fundo do rio, e que em alguns logares o obstruem de tal sorte que é necessaria muita, vigilancia por parte dos praticos para desviarem o barco de choques que produziriam estragos nos cascos, e é por isso que nesta secção do rio não se navega á noite na estiagem.

Da ponta meridional á ponta septentrional da ilha de Sant'Anna a linha de navegação será sempre pelo braço esquerdo, não sendo o direito navegavel senão nas aguas, estando sua entrada em nossa passagem obstruida de arêa.

O braço esquerdo, além de algumas voltas e algumas pedras immersas, nenhum obstaculo tem, sendo limpo de madeiras, e tendo o canal fundo superior ao da primeira secção, principalmente do rio das Mortes para baixo.

Da ponta septentrional do Bananal até o travessão de Sant'Anna, que fica 16,5 kilometros acima de Santa Maria, é o rio perfeitamente navegavel; porém do travessão em diante, além de cinco travessões mais, tem o rio pedras apparentes e immersas, que entretando não causariam embaraço ao vapor, mesmo na estiagem, si não fosse a correnteza do canal do travessão de Sant'Anna, que é tão forte, que só vapor de muita força a póde vencer.

Já no diario da viagem disse que existia um braço á direita do travessão de Sant'Anna, pelo qual se navegava em outro tempo sem maior perigo, porém hoje está elle obstruido de arêa.

INDIOS SELVAGENS QUE HABITAM AS MARGENS DO ARAGUAYA  
ATÉ SANTA MARIA

Habitam os Carajás as praias do Araguaya, tendo o seu primeiro aldeamento em S. José, o segundo na fóz do Crixá, 18 no braço esquerdo do Bananal e o último em Santa Maria, compondo-se este de uma só familia.

Estão os Carajás meio civilizados, comquanto ainda andem nus e conservem os seus costumes; fazem roças e cultivam mandioca, batatas, carás, bananas, milho, etc.

O numero dos que habitam actualmente acima de Santa Maria não excede a 600; abaixo deste presidio existem outros aldeamentos dos mesmos indios com a denominação de Chambioás, mas não tão chegados a nós como os de que tratei acima.

No territorio banhado pelo Crystallino e rio das Mortes vivem os Chavantes, que nenhuma relação têm connosco, e são inimigos dos Carajás, a quem fazem guerra.



Têm os Tapirapés seus aldeamentos nas margens do rio do mesmo nome; consta que são índios doces e mais industriais do que os outros, porém ainda nenhuma relação temos com elles.

Defronte de Santa Maria e poucos kilometros para o interior estão as aldeias dos Cayapós, que já estiveram em continuadas relações com os habitantes do presidio, cuja fundação haviam antes procurado por todos os meios obstar. Depois de retirarem-se por algum tempo para o centro, isto devido a desavenças com os colonos, alguns voltaram poucos dias antes da nossa chegada a Santa Maria para o barranco do rio e foram ao presidio, não mostrando prevenção contra os habitantes, porém vivem estes em desconfiança de serem novamente atacados.

De indole mais independente, entretanto não são os Cayapós tão extremos de suas familias como os Carajás.

Os Javahés têm suas aldeias no braço oriental do Furo do Bananal. Apenas vimos um destes índios em uma das aldeias dos Carajás, com quem conservam relações. São índios sympathicos e doces.

Apparecem algumas vezes em correria na ilha do Bananal e em outros pontos da margem direita do Araguaya os temíveis canoeiros, que parecem hoje muito reduzidos pelas guerras em que constantemente vivem com as outras tribus selvagens.

#### OBSERVAÇÕES

Pelo desenvolvimento que vão tendo as estradas de ferro no Imperio, não será fóra de proposito chamar a attenção para os pontos objectivos dessas rapidas vias de comunicação, consideradas já em relação ao desenvolvimento industrial, já em relação a defesa geral do paiz.

O problema de comunicação rapida da Côrte com a provincia de Matto Grosso, pelo interior, acoberto de qualquer golpe inesperado, parece hoje em via de solução, com a construção do ramal de Sant'Anna do Parahyba.

Na occurrencia de guerra externa com uma nação que possua forte esquadra, não ficarão cortadas as communicações da Côrte com as provincias do Amazonas, Pará, etc.. Qual o meio de evitar semelhante successo? Creio que este problema é de facil solução, bastando lançar as vistas na carta do Imperio.

Não está ahí o Araguaya como que impondo-se mesmo a realização desse *desideratum*?

Parece-me não ter outro objectivo a estrada de ferro de S. Paulo á Casa Branca do que um ponto no Araguaya, Santa Leopoldina ou qualquer outro.

O Araguaya por conseguinte não deve ser considerado sómente como uma via de comunicação commercial, é tambem estratégica; e debaixo desse duplo ponto de vista deve a sua navegação merecer do Governo Imperial os maiores cuidados.

A diminuta subvenção hoje concedida á empreza de navegação do Araguaya pelo Governo Imperial é para muitos em pura perda; quanto a mim parece, pelo contrario, estar ella áqueni do que devia ser; pois, si se trata de povoar as margens do rio, cumpre que se dê aos que vão habitar esses sertões communicações frequentes até que por si as possam fazer.

E' possivel em todas as estações do anno estabelecer uma navegação regular, mensalmente de Santa Leopoldina á Belem no Pará, navegando o rio a vapor na sêcca até as primeiras cachoeiras, e nas enchentes até onde fôr possivel, fazendo-se o resto em botes.

Está praticamente provado que nas enchentes podem os vapores descer até cerca de 80 leguas abaixo de Santa Maria nos Chambioás, e creio que si tivessem construcção appropriada iriam a Belem, o que não será um facto novo, pois duas lanchas a helice já fizeram essa viagem, não possuindo entretanto appparelhos que facilitassem a subida das cachoeiras, tendo ambas grande calado.

Outra questão importante para o florescimento da navegação é a collocação de nucleos coloniaes nas margens do rio.

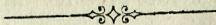
Não parecem bastantes os postos militares que hoje existem, pois ha secções, como de S. José á Santa Maria, cuja distancia

é de 758 kilometros, em que os viajantes não encontram recurso algum.

Além do posto militar mandado estabelecer no Furo da Pedra, é necessario, pelo menos, mais um nas immediações da foz do rio das Mortes, que para adiante servirá de base para colonisação das margens deste rio, pelo qual se estabelecerá a communição de Mato Grosso com o Pará pelo Araguaya, podendo esse posto ser collocado em Santa Isabel do Morro, logar isento de alagamentos, abaixo da foz do rio das Mortes 15.537 kilometros, ou menos de 3 leguas marinhas.

Concluindo, cabe-me pedir a V. Ex. desculpa pela deficiencia deste trabalho comparado á importancia do assumpto.

Deus guarde a V. Ex.—Sr. Dr. Aristides de Souza Espinola, presidente desta provincia.—O major de engenheiros em commissão, *Joaquim Rodrigues de Moraes Jardim*.



## OS CARAJÁS

Durante a minha viagem ao Araguaya nos mezes de setembro e outubro ultimos procurei, auxiliado por meus companheiros de excursão, colher a maior cópia possivel de informações, que interessassem a navegação e a catechese, relativas á região banhada pelo magestoso rio.

Os trabalhos hydrographicos ficaram a cargo dos engenheiros que me acompanharam.

Dia por dia fui assentando, além das impressões naturaes ao viajante, todas as observações que podessem ter algum interesse scientifico para o estudo da historia natural e da geographia.

Esforcei-me para, na medida de minhas forças, aproveitar o tempo, seguindo o conhecido preceito horaciano:— *Carpe diem*.

Do meu *diario*, escrupulosamente escripto, extraio hoje algumas notas nelle esparsas acerca dos indios —Carajás—, habitantes da extensa zona, que percorri, da colonia de Itacayú ao presidio de Santa Maria. Enfeixo neste artigo algumas dessas notas tomadas á proporção que ia visitando e observando os aldeamentos selvagens.

Proximo a S. José, que fica entre os rios do Peixe e Crixás, a 162 kilometros, 852 metros abaixo de Leopoldina, bifurca-se o Araguaya para formar a ilha do—Dr. Couto.

Na tarde de 21 de setembro, quando já desciam sobre o rio as sombras da noite, entrou o vapor, que me conduzia, no

braço oriental que banha S. José, e pude ainda, aproveitando um resto de crepusculo, ver as cabanas dos indigenas na praia fronteira á ilha, á margem esquerda.

Era a primeira aldeia que encontrava em minha excursão. Ardía em desejos de visitá-la. Nunca tinha visto uma aldeia de selvagens. Era, pois, natural a minha curiosidade.

Na manhã seguinte, antes do apparecimento do sol, tinha saltado na extensa praia, habitada pelos indios.

Levava uma banda de musica—meu innocente instrumento de conquista— que fiz tocar perto das humildes palhoças da aldeia, para onde dirigi-me.

Poucos indigenas se achavam de pé. Quasi todos, homens e mulheres, estavam sentados em esteiras, grosseiramente feitas, estendidas sobre a areia, e na mesma posição ficaram. Parece que a admiração causada pela nossa visita matinal e pelos sons da musica, nunca d'antes ouvida, fôlha-lhes os movimentos. Estavam estupefactos.

As crianças agarravam-se com força ás mãis, e, tremulas, procuravam esconder-se atraz dellas.

Não se podia ver as faces das moças, que as inclinavam para o chão, occultando-as entre os cabellos bastos, negros e longos. Esteiras perpendiculares, prezas á estacas, serviam para separar os differentes grupos, formando familias.

No pequeno espaço occupado por cada familia, cosinhavam em grandes panellas de barro e fabricavam o *cauim*, lançando junto a si os residuos da comida.

Havia uma immundicia horrivel em roda de cada esteira. Alli confundiam-se palhas murchas de coqueiro, pennas, escamas e espinhas de peixe, cascas de cereaes, conchas de tartarugas, detritos animaes. Por cima deste esterquilinio fetido esvoaçava uma quantidade espantosa de moscas. Dentro das cabanas a mesma immundicia. A falta de limpeza produziu-me uma impressão summamente desagradavel.

Pareceu-me que aquella miseravel gente não tinha noção alguma de asseio. Modifiquei, porém, esta idéa com a visita a outras aldeias mais selvagens, em algumas das quaes encontrei limpeza e ordem, principalmente nas moradas. Não tenho tenção de expôr ao leitor as observações feitas sómente

nesta aldeia; porém um transumpto das que fiz em perto de 20 que visitei no Araguaya.

A repugnancia, que podia ter-me inspirado esta primeira visita, desapareceu; e, durante a viagem, só tive motivos para dedicar afeição á essa pobre gente, que facilmente pôde ser assimilada pela civilisação. As minhas relações com os indios fizeram-me ter por elles a mais pronunciada sympathia, ainda por aquelles olhados com mais prevenção e desconfiança pelos christãos.

O formato das cabanas (*hetô* em dialecto carajá) é o mesmo em todas as aldeias. Estendem-se quasi sempre sem ordem pela praia. Em algumas, porém, formam uma linha que margina o rio.

São cobertas e fechadas dos lados de palha de indaiá; têm o tecto abobadado, e uma ou duas pequenas portas. Em S. José, porém, existem choupanas em terra firme, no aldeamento, que são grandes rancharias, sem compartimentos, para onde se transportam os indios quando o rio toma-lhes, nas enchentes, as choças da praia. As esteiras suspensas ou voltadas para o nascente ou para o poente, conforme a posição do sol, servem tambem para proporcionar-lhes uma pequena sombra.

Entre os ranchos ficam varas, destinadas para morada de araras, de varias côres, que fornecem-lhes pennas par aos enfeites; são as suas sentinellas attentas, que gritam quando algum estranho se aproxima das aldeias, onde são criados tambem outros animaes silvestres.

Os homens andam em nudez completa. As mulheres usam apenas de um tecido vegetal fibroso, com 1 metro e 93 centímetros de comprimento e 0<sup>m</sup>,30 de largura — (*idehire*)

Em dias de frio homens e mulheres cobrem-se com tecido grosseiro de algodão, por elles fabricado.

Tingem-se de vermelho com urucú (*bixa orellana*), e de preto com genipapo (*genipa americana*), fazendo com as tintas variados arabescos, conforme a phantasia de cada um. A tinta produzida pelas sementes da *bixa orellana* preserva-os das picadas dos mosquitos.

A materia corante que extrahem da indicada rubiacea, muito commum nas margens do Araguaya e que chamam—

bedina—, é empregada sómente para ornato. Gostam muito desta tinta, principalmente os rapazes, que se apresentam, ás vezes, completamente pretos da fronte aos pés.

Os homens faram o labio inferior e as orelhas, e as mulheres sómente estas.

Usam de um enfeite de pedra, de madeira ou concha pendente do beijo. Enfiam nas orelhas um fragmento de colmo de taquaril ou de outra graminea, a qual terá um millimetro de diametro e doze centimetros de comprimento. Engastam em uma das extremidades deste singular brinco (*cuedjü*) uma rodella de uma concha bivalve, muito abundante nas praias do rio, em torno da qual prendem symmetricamente um circulo de pennas.

Quasi sempre estes ornatos são usados pelas moças e pelas crianças. Os enfeites dos labios, chamados, *munátéri*, são, ás vezes, de quartzo, custosa e pccientemente trabalhados.

Durante minha viagem vi apenas um indio com um desta qualidade. Possuo dous em meu pequeno gabinete indigena, recebidos dos Tapirapés, que habitam as margens do rio deste nome, confluyente do Araguaya.

Aparam o cabello da frente na altura das sobrancelhas, até ás orelhas, cahindo-lhes pelas costas o de traz. Em algumas aldeias o córte vai além das orelhas, e em outras usam cortar o cabello da raiz da testa até o principio dos parietaes, fazendo uma abertura de um centimetro de largura.

Passam tinta de urucú neste espaço. Usam de um pente feito de espinhos de tucum.

Têm o barbaro costume de arrancar as pestanas e sobrancelhas.

Não se descobre, em geral, a falta das sobrancelhas por causa do cabello que lhes cobre a testa.

Arranham os braços e as pernas com o dente de um peixe chamado caxorra, ficando visiveis os signaes. Dizem ser isso conveniente para dar-lhes força e agilidade.

Os rapazes, entrando na puberdade, são marcados com o signal da tribu, que consiste em um circulo com um centimetro de diametro aberto na face com uma ponta de pedra ou de osso. Sobre a solução de continuidade assim

feita applicam a tinta negra do genipapo, e a renovam, de quando em vez, para aviventar a marca.

Os homens trazem nos braços um tecido de algodão em fórma de pulseira (*dechi*), que lhes serve de adorno e protege o braço contra as pancadas da corda do arco.

As pulseiras só podem ser tiradas, com o crescimento dos braços, rasgando-se-as. Os pequenos tambem trazem-n'as, embora não manejem o arco.

Tendo observado desde a primeira aldeia o uso das ligas junto ás articulações dos joelhos e dos tarsos, procurei saber si este distinctivo era um signal de virgindade, conforme havia mais de uma vez lido.

Não é verdade que estas ligas, que dão muita graça ao porte do indio, sejam symbolo de virgindade.

Vi indios casados que as tinham, quer homens, quer mulheres, e solteiros, que as não tinham. Em geral collocam as ligas nas crianças, tiram-n'as aos 6 ou 7 annos e as tornam a collocar aos 12 ou 14. Alguns tiram-n'as, não depois de casados, mas depois de terem o primeiro filho, e outros as conservam ainda depois de terem o primogenito.

Os velhos não usam de taes enfeites, que parecem proprios para lisongear a vaidade.

Não é raro vêr-se o indio de 18 a 20 annos, que deseja casar-se, usar de pulseiras impregnadas de urucú, ligas com borlas e franjas pendentes dos joelhos, brincos de pennas, *munátéri* no labio inferior, adereços de contas, escamas e do pericarpo de certos fructos, ter o corpo untado de urucú com linhas pretas em varias direcções, a face tinta de vermelho, as pernas de preto, o cabello penteado, preso na frente por uma palma de coqueiro, cahindo-lhe pelas espaduas, o andar garboso, o olhar terno, as maneiras airoas...

Os Carajás são remeiros muito peritos.

Usam de *ubás* —canôas grosseiras, que remam com uma deztreza incomparavel.

Alguns approximam-se destemidamente do vapor, em movimento, e atacam nelle suas frageis *ubás*.

No dia 26 de setembro, perto da fóz do rio das Mortes, uma *ubá*, partindo da margem esquerda, dirigiu-se para o vapor, que seguia sem diminuir a força.

Os tripolantes, um homem e uma mulher, faziam todo esforço para alcançarem-n'o. Quando a *ubá* approximava-se do bote, que ia á reboque, prestes a atracar, e o valente Carajá fazia um esforço supremo para segurar no barco, quebrou-se o remo, e a *ubá*, impellida pela correnteza, afastou-se rapidamente da embarcação.

Fiz parar o vapor para receber e brindar os intrepidos indios, que voltaram contentes.

Têm um modo especial de caminhar na arêa das praias que dá-lhes incontestavel superioridade sobre os nossos que os acompanham.

Correm com agilidade espantosa, só applicando á arêa mo-vediça a ponta dos pés. Com o arco, o porrete e o remo, instrumentos de que usam, sabêm tomar as mais admiraveis posições, que, muitas vezes, attrahiram a attenção dos passageiros de bordo. Encostados á massa feita de cerne de madeira rija, com a cabeça altiva, os cabellos cahidos pelas espaduas, firmes na vasta praia encarando-nos, parecem os dominadores daquellas vastas solidões.

O acanhamento, que observei na aldeia de S. José, não se nota em outras. Em muitas encontrei alegria e desembaraço, quer da parte das mulheres, quer dos homens.

E' preciso consignar aqui uma observação:

Quando o chefe da aldeia ou os pais de familia não estão nella ha grande timidez da parte das mulheres e das crianças. No dia 27 de setembro, por exemplo, depois de estar pela manhã em uma aldeia muito numerosa, onde fui acolhido com demonstrações de jubilo, saltei, á tarde, algumas leguas abaixo, em uma outra, onde não encontrando os chefes, observei excessiva timidez, a ponto de não quererem os indios olhar os passageiros e até recusarem os brindes que lhes offercia.

Revelam extrêmo amor aos filhos não consentindo que se apartem de si.

Meu interprete Carajá era um indio de nome Jurivé, educado no collegio Izabel.

A principio manifestava muita repugnancia em ir ás aldeias e conversar com os indios.

Era com difficuldade que fazia-o desempenhar o papel de interprete. Parece que se sentia humilhado ao observar o estado dos filhos de sua nação.

Em uma das aldeias encontrou elle uma velha tia, que fez-lhe as maiores demonstrações de afeição, abraçando-o repetidas vezes, entre lagrimas, e deu-lhe noticias do pai e de outros parentes.

Tão sensibilizado ficou o meu interprete, que veio pedir-me licença, para ficar na aldeia por alguns dias, e, depois em Leopoldina, queria inda que o mandasse visitar os parentes.

Pela grande afeição, que dedicam aos filhos tratados com muito carinho, não consentem que elles sejam levados para o collegio Izabel.

Um antigo encarregado, já fallecido, desse estabelecimento prendeu furtivamente algumas crianças da tribu para serem educadas.

Bastou este facto, acontecido ha annos, cuja noticia correu de aldeia a aldeia, para que elles escondessem as crianças da vista dos christãos.

Ao aproximar-se o vapor da praia correm os meninos para o matto, onde os pais os mandam esconder.

Vi, muitas vezes, os grupos de crianças que corriam para fóra da aldeia ou para ellas voltavam, quando o vapor se approximava ou afastava-se. Procurei fazer desaparecer esse receio, e consegui que em muitos logares fossem chamadas as crianças que estavam escondidas.

Muitas tremiam e agarravam-se ás mães pensando que eu queria arrancar-os d'aldeia.

Ao chegar entre elles era preciso gritar:—*Idira como que! Brébu como que!* Não corram! Não fujam! Depois agradava muito aos pequenos e lisongeava as mães dizendo que os filhos eram bonitos: *uarioré aiutury*. E de facto, muitos o eram.

Os Carajás são bigamos, e respeitam muito o vinculo matrimonial. Ao contrario do que se poderia pensar, as mulheres têm grande influencia n'aldeia e são muito consideradas. O maridonada faz sem consultar a mulher.

Sem o consentimento de sua companheira o homem não dispõe do mais insignificante objecto. Ao chegarem á aldeia

os homens são encontrados pelas mulheres que recebem o arco, a flecha, a lança, o bordão, e os conduzem para a casa.

Chegando a uma aldeia, onde a filha do capitão,—criança de dez annos mais ou menos—, havia tres dias antes se casado, os noivos receberam-me na praia, onde o pai da moça, que fallava portuguez, m'os apresentou.

Encaminhando-se para a casa dos recém-casados, ia a noiva, que revelava muita afeição ao marido, segura ao braço deste; e chegando á cabana sentaram-se em uma esteira inclinando-se ella graciosamente sobre o hombro do noivo.

As velhas são muito ouvidas.—Encarregam-se de transmittir á nova geração a historia da tribu. Os moços ouvem, á noite, attentos, essa historia, na qual figuram, muitas vezes, as antigas atrocidades dos portuguezes contra os indigenas.

Gostam muito de danças e lutas. Estas são o seu divertimento predilecto.

Na minha volta de Santa Maria, assisti, uma noite, a uma curiosa luta entre os selvagens.

Acima da ponta meridional da ilha de Bananal o vapor estava encostado a uma praia, que servia de *pouso*. Desciam o rio, ás escuras, nma ou duas *ubás* tripuladas por indios.

Na praia haviam outros, que eram meus companheiros de viagem, e que chamaram aquelles e os desafiaram para a luta.

Dentro em poucos minutos os combatentes tinham formado na praia duas linhas paralellas.

De uma das linhas partiam dous indios de braços dados, dançando e gritando, que desafiavam os contrarios.

Aceito o desafio, começava a luta braço a braço, que terminava pela victoria de um dos lutadores, que era coberto de applausos.

Logo que o mais fraco tombava na praia ao impulso dos braços musculosos do vencedor, este inclinava-se para erguel-o e procurava logo saber si a queda havia produzido alguma offensa.

Assim lutaram todos, e, findo o divertimento, uniram-se muito fraternalmente.

Em quasi todas as aldeias ha um rancho separado dos outros cerca de 120 passos, com a frente para o poente, onde

estão depositados os *jaçó* e varios outros objectos destinados á dança e instrumentos de caça.

Com muita difficuldade pude obter um par de *jaçó*, objecto não conhecido até por pessoas que têm viajado pelo Araguaya. Tenho de frente de mim, quando escrevo estas linhas, um destes objectos.

Imagine o leitor uma especie de canudo ou tubo formado de um tecido de palha com mais de um metro de altura, uma circumferencia de quarenta e nove centímetros na base e trinta no vertice; a extremidade superior abre-se em duas hastes, a guiza de chifres, pretas, com quatro centímetros de comprimento, e cujas pontas estão separadas por um espaço de cincoenta e tres centímetros; a extremidade inferior prende-se a um outro tecido de palha, largo, em fórma de balaio, com mais de um metro de circumferencia e trinta e cinco centímetros de altura, o qual fórma propriamente a base deste singular ornamento. Da extremidade de cada uma das pontas alludidas, ornadas com pennas amarellas, pende um cordão sustentando um feixe de pennas de varias cores. Em um dos lados do canudo, considerado á frente, correm duas linhas quasi paralellas, verticaes, formadas por um tecido de algodão preto e branco, entre as quaes medeia um espaço de 5 centímetros forrado de pennas azues.

As outras partes do canudo são cobertas de pennas vermelhas e amarellas, caprichosamente entretecidas entre as quaes correm linhas em zig-zague de algodão tinto de preto. Do lado opposto ao da facha azul ha uma serie de pequenos canudos de taquara, com comprimento de 11 centímetros, ao lado dos quaes estão arrançadas duas especies de azas de pennas de diversos matizes seguras pelos canos.

A esta cousa dão o nome de *jaço*.

Collocam-no na cabeça do indio, cujo rosto fica occulto dentro do bôjo inferior, onde existe uma abertura circular para a vista.

A<sup>2</sup> roda deste bôjo passam um saiote feito de fibras de coqueiro que o ençobre. Feito isto, enfeitam ainda o paciente por esta fórma:

Atam-lhe ao pescoço um outro saiote que chamam *etêhan* que tem não menos de 2 metros e 73 centímetros de uma a

outra extremidade, fabricado de palha de coqueiro, que desce-lhe até a cintura.

Cingem-lhe depois os rins com um terceiro saiote, (*cabroróqué*) muito pesado, que tem o mesmo comprimento, de embira, tinta de preto o qual chega até os joelhos.

Collocadas ainda pulseiras e outros enfeites, secundarios, recebe o paciente uma cabaça com chocalhos.

Dous assim vestidos e preparados cantam e dançam na arêa com muita cadencia e uniformidade de movimentos.

Imagine o leitor a fadiga que não produzirá esta barbara dança executada na arêa sob os raios de um sol abraçador principalmente nos dias de calôr, quando a temperatura sóbe a 39 grãos centigrados, á sombra.

Em S. José assisti a esta curiosa dança, que chamao do jacaré (*cabroro*).

Observei que os indios tinham em muita veneração o *jaçó* e a casa onde o depositam.

Era natural que tratasse de indagar si tinham praticas religiosas e em que consistiam. Procurei, com vivo interesse, colher todas as informações possiveis a respeito.

Tinha sabido de algumas praticas religiosas dos Cayapós, habitantes das margens do rio Grande, que é o mesmo Araguaya. Havia motivo para se julgar os Carajás, neste ponto inferiores aos Cayapós?

Tenho presente o roteiro de uma viagem ao Araguaya, publicado em 1863, no qual se lê: « Ha uma opinião geralmente acreditada em historia, e é que todo homem tem idéa de um Deus; comtudo não me parece que a tenham os Carajás e Chavantes, e o principal fundamento para assim julgar é não existir na lingua delles uma palavra pela qual se possa traduzir essa idéa. »

A observação não é exacta a respeito dos Carajás.

Têm não só a idéa de Deus, como varias solemnidades religiosas.

A cabana do *jaçó* é um lugar onde exercitam praticas do culto.

Alli reúnem-se á noite, e um delles que é considerado o sacerdote da aldeia o *hóri* faz orações, que são repetidas pela tribu. Como acontece em outras nações selvagens as praticas são misturadas com danças e cantos.

Dous indios envergam os *jaçó*, conforme referi e dançam.

Estes objectos fazem parte do rito, e, por isso, não os dão aos christãos, dizendo que a sua privação acarreta a decadencia da aldeia.

O *hóri*, que é obrigado a guardar castidade e é muito respeitado, usa palavras sacramentaes, só delle sabidas, conforme fui informado.

Tenho cópia de varias jaculatorias de que se servem.

Um indio, chefe de uma numerosa aldeia, tendo-se embarcado, dizia-me que á noite se reuniriam os seus subditos na casa de *jaçó* para implorarem a Deus que elle fosse feliz na viagem. Dizem por exemplo em sua linguagem hyperbatonica: *Quenausivé, biú que doacre!* Deus! manda chuva. *Quenausivé, uato uaine!* Deus dai-me saude! *Quenausivé, aúman uadé utque nan conteme!* Deus, fazei com que elle vá e volte sem lhe acontecer mal algum.

Tem tambem idéa de um espirito maligno, ao qual dão o nome de *auné*.

E não é só isso.

No dia 27 de Setembro, tendo deixado o vapor ancorado, fui, pouco depois das 5 horas da manhã, em uma *igarité*, visitar um cemiterio indigena em Santa Izabel do Morro.

O cemiterio fica no alto do terreno, que se chama no sul Espigão, com poucas braças de largura, a 20 metros sobre as aguas do rio na estiagem, terreno arenoso, esteril, coberto de vegetação baixa.

O Espigão vai até o rió; de cima descortina-se um vastissimo horisonte.

De todos os lados se dilata a planicie até onde a vista alcança, e ao norte e ao sul vê-se a esteira azulada das aguas do rio em uma grande extensão. Com o auxilio do binoculo pude apenas distinguir uma pequena elevação, quasi imperceptivel, na ilha do Bananal. Alli, naquella vasta solidão, não podia deixar de inspirar tristeza a morada funebre dos pobres filhos das selvas.

Pedaços de madeira roliços, com varios signaes, indicavam as diferentes sepulturas cavadas no chão.

Havia espalhados na arêa do cemiterio coberta de macéga e arvoredos, varios vasos de argilla, alguns quebrados.

Encostado a uma arvore estava um mais novo coberto. Tirando a tampa verifiquei que continha ossos. Era uma urna funeraria. Em roda della pendiam os cachos dourados da *bignonia chorysantha*, dos quaes se desprendiam as flores que tapizavam o cemiterio.

Soube que o morto é levado em procissão até a sepultura, onde vai collocado de bruços, lançando-lhe o *hóri* o padre selvagem—agua e saliva, e proferindo palavras sacramentaes, ouvidas com recolhimento pelos assistentes.

Pedem a Deus que dê *melhor vida* ao finado. *Quenausivé, rita que tabuné!* Os parentes choram durante muito tempo.

A viuva ou a mãe do morto, em certos dias, recolhe-se á casa para chorar e lastimar-se. Como se vê, têm os Carajás idéa de Deus, de immortalidade d'alma, e práticas religiosas.

Haverá nestes ritos vestígios do christianismo, provenientes das antigas missões dos jesuitas?

A palavra com que exprimem Deus *Quenausivé* (que não se vê) não tem estreita semelhança com o *Deus absconditus* dos christãos?

No uso da agua e da saliva não haverá vestígios da liturgia catholica?

Não usam de formalidade alguma que se approxime do baptismo.

Antes do descobrimento de Goyaz por Bartholomeu Bueno já os jesuitas do Maranhão haviam-se internado até as margens do Tocantins, e talvez até o Araguaya.

Ha tradição de communicações antiquissimas feitas pelos ousados catechistas da bacia do Amazonas a do Prata pelo Araguaya.

Depois das atrocidades commetidas contra os indios do Araguaya pelo coronel Antonio Pires de Campos, no governo de D. Luiz Mascarenhas, o governador e capitão-mór de Goyaz, José de Almeida e Vasconcellos Soveral e Carvalhó, mandou, em 1775, uma expedição para a conquista dos Carajás dirigida pelo alferes José Pinto da Fonseca, que esteve na ilha do Bananal, onde mandou dizer missa no dia de Sant'Anna (d'onde proveiu o nome de Sant'Anna dao á ilha) e fez amizade com os indios.

Desa conquista pacifica, que tanto occupou a attenção de José e Vasconcellos, provieram as aldeias de Angeja, Seabra, Cunha, Anadia, S. Pedro, Ponte de Lima, Lavradio, Lamaçães e Mello, que desapareceram.

Não é de admirar que entre os indios de hoje se encontre vestígios da catechese antiga.

Goyaz, 11 de Dezembro de 1879.— *Aristides Spinola.*

